

Teoria política e pensamento social na América Latina

Political Theory and Social Thought in Latin America

Gisálio Cerqueira Filho



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/188>

DOI: 10.4000/ras.188

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Paginação: 21-33

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Gisálio Cerqueira Filho, « Teoria política e pensamento social na América Latina », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 20 novembro 2013, consultado no dia 03 maio 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/ras/188> ; DOI : 10.4000/ras.188

Teoria política e pensamento social na América Latina

Gisálio Cerqueira Filho

Resumo

O trabalho confronta perspectivas epistemológicas e práticas académicas nas últimas três décadas que configuram as análises no campo da ciência política na América Latina. O embate intelectual recorrente tem implicado uma perspectiva mais analítica, de um lado, contra outra vinculada à história das ideias políticas e filosóficas. Entretanto, tal confronto não deve impedir uma perspectiva analítica capaz de dar conta das relações de força em jogo e também contemplar a historicidade dos conceitos. Sugere-se a hipótese da presença recorrente da escolástica no campo da ciência política na América Latina.



Palavras-chave

Teoria política, escolástica, história das ideias, crítica social.

Advertência

Queremos apresentar um artigo que visa a discussão acerca dos novos caminhos a serem trilhados pela teoria política na América Latina, mais voltados para as inovações epistemológicas capazes de servir como ferramentas de compreensão, conhecimento e transformação da vida das populações latino-americanas.

I

Dirigindo o seu seminário intitulado “A lógica da Fantasia”, de 1967-68, Jacques Lacan [2003: 323] acentua o seguinte: “O nosso retorno a Freud a todos choça pelo vazio central do campo que instaura, e

não menos aos que deles têm a prática. Entre estes seria um alívio reduzir a palavra de ordem à história do pensamento de Freud, operação clássica na filosofia, ou até ao seu vocabulário. Faz-se rodar os novos termos com que estruturamos um objecto, alimentando tarefas de livreiro. Levar cada vez mais longe o primado lógico que está na verdade da experiência é devolver essa rodada à poeira que ele levanta”.

Parodiando Jacques Lacan, eu diria que não estamos comprometidos com uma história das ideias num possível retorno ao tema do pensamento social clássico na América Latina, ou mesmo com uma história das ideias no “pensamento social latino-americano”, mas sim com o vazio central do campo que instaura, no marco da teoria política.

II

Que as ciências sociais tenham sido focadas a partir dos autores considerados “clássicos” (Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber), isso é sabido e não é de hoje. É por assim dizer, constitutivo do campo das ciências sociais na América Latina [Neder & Cerqueira Filho 2010: 103-114] em geral e no Brasil em particular. No campo da ciência política, é curioso notar a repetição insistente nos argumentos de validação de conteúdos programáticos baseados em autores considerados também “clássicos” no campo do pensamento filosófico e social. Tal postura orientou o ensino de um repertório de autores eleitos pelo historicismo iluminista que formou o campo na Europa, entre fins do século XVII e o século XIX. Contudo, se o repertório de autores da ciência política implicou uma selecção feita a partir do olhar iluminista, a constituição do político que emerge da religião (a teologia) consolida-se na escritura de filósofos que deram autonomia ao político entre os séculos XVI e XVII, como interpreta Louis Dumont [2000]. Há aqui um entrelaçamento de olhares e sentidos. Pensamos, portanto, que a própria visão destes “clássicos” passa por divagens (inclusive aquelas que definem a selecção e a tradução para línguas modernas de autores que escreveram em latim). De modo que a censura iluminista desqualificou autores extremamente importantes para o entendimento do campo político, seja na América Latina, seja no Brasil, no tempo presente. Para ficarmos por um único exemplo, Baruch Spinoza. Tal desqualificação não dificultou, antes facilitou uma *presença de longa duração constituída pelas ideias de São Tomás de Aquino, que vamos chamar “tomismo” (Hipótese 1)*. Precisamente porque excluídas do olhar iluminista, elas permaneciam à sombra das ideias dominantes; porém, influenciando poderosamente. Salvo excepções, o empreendimento da terceira escolástica (desde o Concílio Vaticano I, 1870), sobretudo a partir das universidades ibéricas de Coimbra e Salamanca, não foi registado como marcação contundente no pensamento político latino-americano [Morse 1988]. Contudo, essa é uma das nossas hipóteses: a presença difusa e recorrente da escolástica no campo do pensamento social, inclusive da ciência política (teoria política), na América Latina.

A outra hipótese diz respeito à predominância de uma história das ideias filosófico-políticas ou mesmo das ideias jurídico-políticas na constituição seja do pensamento social seja da teoria política na América Latina. Em ambos os casos, *há uma dívida para com a teologia política, no sentido mais amplo*

do termo (*Hipótese 2*). O escritor argentino Jorge Luís Borges chega a dizer que teve “aulas de política com o pai, tendo lembrança do mesmo falando-lhe de ideias anarquistas” [Borges 2009: 11 *apud* Williamson 2011: 75]; todavia, “mais do que política, o que o Dr. Borges ensinou ao filho foram certas ideias básicas de filosofia” [Williamson 2009: 75]. O comum por toda a América Latina foi que as lições correntes de política (teoria política) viessem quase sempre acopladas à história das ideias filosóficas. Tal procedimento pedagógico coincidiu com a pauta da terceira escolástica [Neder & Cerqueira Filho 2004]. Na Universidade de Coimbra, cujo padrão de ensino influenciou o pensamento político, temos um exemplo eloquente: as aulas de Manuel Paulo Merêa (1889–1977) [Neder & Cerqueira Filho 2010] abordaram com destaque, no início do século XX, três autores do pensamento político europeu do século XVII: Francisco Suárez (1548–1617), Hugo Grócio (1583–1645) e Thomas Hobbes (1588–1679). E mais dois outros, com menos destaque: Samuel von Pufendorf (1632–1694) e Jean-Jacques Rousseau (1712–1778). O objectivo apresentado por Paulo Merêa na introdução do texto mais elaborado, *Suárez, Grócio e Hobbes*, é preencher o vácuo promovido pela transição das ideias pré-modernas (primeira escolástica, contexto de São Tomás de Aquino, século XIII) para as ideias modernas propriamente ditas [Merêa 1941]. Algo similar ocorria por toda a América Latina de influência hispânica. Sublinhe-se aqui que o modo epistemológico do procedimento de Paulo Merêa resgatou o jesuíta Francisco Suárez (segunda escolástica) e estabeleceu uma continuidade entre as três escolásticas, projectando o tomismo para o século XX. Em Paulo Merêa isto está claro. Todavia, nem sempre na influência discreta que vem a exercer, e desde a área do Direito e das Letras, é visível na ciência política praticada na América Latina.

A obra *Suárez, Grócio e Hobbes* é paradigmática. Mas também noutros textos de Paulo Merêa, o pensamento político é focado a partir da história das ideias filosóficas. Designadamente: 1) “Suárez, jurista. O problema da origem do poder civil” [Merêa 2004: 107–185], publicado em 1917, editado pela Revista da Universidade de Coimbra (volume VI), tendo sido apresentado num congresso internacional realizado na cidade de Granada (Espanha), no mesmo ano, para as comemorações do tricentenário da morte de Suárez; 2) “A origem do poder civil em Suárez e Pufendorf (Escolástica e Jusnaturalismo)” [Merêa 2004: 351–365], cujo título original – “Escolástica e Jusnaturalismo” – foi publicado no *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra* (volume XIX) em 1943 [Merêa 2004: 367–383]; e 3) “O ‘legislador’ de J. J. Rousseau”, este um texto inédito, datado de 1967, que recebeu uma publicação póstuma, dirigida pelo seu neto, o jurista José Manuel Merêa Pizarro Beleza [Merêa 2004].

Destaque-se o facto de que Paulo Merêa foi estudante na Universidade de Coimbra, tendo estudado com os então jovens António de Oliveira Salazar (1889–1970) e Manuel Gonçalves Cerejeira (1888–1977), todos muito católicos. Se um se tornou ditador, exercendo a governação totalitária entre 1932 e 1968 em Portugal, o outro veio a ser, como teólogo e cardeal da Igreja Católica, o artífice da influência do catolicismo romano na sociedade portuguesa do longo século XX. Embora muito mais prudente e discreto (nos termos de Baltazar Gracián [1996]), Paulo Merêa foi o intelectual que realizou o projecto de secularização do pensamento político na modernidade ibérica, sem que este processo pudesse ser considerado de laicização [Marramao 1983].

Conquanto na América portuguesa predominasse a influência da Universidade de Coimbra, na América hispânica predominava a influência da Universidade de Salamanca. Mas Coimbra e Salamanca

convergiam nas lições sobre a terceira escolástica. Um pouco em todo o lugar latino-americano onde houvesse uma universidade ou faculdade de ciências sociais ou humanidades, essa foi a marca que ainda perdura: o pensamento social e político, bem como a teoria política, deixavam-se atravessar por uma genealogia das ideias filosóficas com forte acento jurídico, tanto da escolástica quanto do direito canônico.

Jacques Lacan, com argúcia, identificou para além da América Latina, o tomismo como sintoma, na cultura do cristianismo ocidental e não só. Também Sérgio Buarque de Holanda, na primeira metade do século XX, depois de um flerte com o modernismo [Cerqueira Filho 2009], afastou-se dele e preferiu enfatizar a crítica (embora subtil) à escolástica. Nas cartas trocadas por Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda, entre 1922 e 1944, o conflito entre a “expressão” e a “ordenação” expõe, no centro do debate político, o indivíduo ameaçado por forças que o transcendem. Daí “a importância, no ensaio clássico de Sérgio Buarque, da crítica à recuperação anacrônica da Escolástica pelo pensamento conservador, que nos anos 30 viria a alimentar um veio católico de direita” [Monteiro 2011].

Lacan lança mão de um neologismo (*sinthomen*) e da homofonia com a expressão *simptom* para dizer, nos últimos anos do seu ensino, que o sintoma não é apenas uma mensagem cifrada, mas um meio do sujeito organizar o seu gozo (*jouissance*). Ao chamar *sinthomen* ao sintoma, sugere que essa é a razão principal pela qual o sujeito reluta a renunciar ao seu próprio sintoma. Transformado em *sinthomen*, converte-se no pedaço da fantasia no qual o gozo é reeditado na demanda constante do “pedaço do real” contingente em que o desejo fica prisioneiro. A homofonia entre *simptom* (sintoma) e *Saint Thomas* (São Tomás) leva-nos mais longe ainda: acaba por associar diversos significados à síntese entre sintoma e fantasia: São Tomás (de Aquino), o santo homem, o homem santo, o homem artificial, o homem sintético, o homem perfeito, enfim, o super-homem (*super man*). O sintoma enquanto *sinthomen* é uma formação significante perpassada de gozo: trata-se de um significante na exacta medida em que sustenta o gozo-o-sentido (*jouis-sense*). Como tal possui um estatuto único. O sintoma concebido como *sinthomen* é, literalmente, a nossa única substância, o único esteio positivo do nosso ser, o único ponto que dá consistência ao sujeito. Quando o sintoma nesta acepção radical se desfaz, isso significa o acto de se deixar levar pela pulsão de morte até à destruição total do universo simbólico.

III

No pós-guerra, a crescente influência advinda com a vitória norte-americana na segunda guerra mundial acentuou não apenas a influência dos EUA no mundo bipolar da Guerra-fria que nascia, quanto foi inspiração para reorientação do conhecimento sistemático da ciência política. Tal mudança de rumo deu-se, mais acentuadamente, no Brasil, sobretudo após o golpe de 1964 e da reforma do ensino superior conduzida pelo Ministro da Educação Jarbas Passarinho, mas também com a implementação do sistema nacional de pós-graduação. No campo da teoria política, as instituições que lideraram uma tal orientação foram, sem dúvida, o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), vinculado ao sistema de ensino Cândido Mendes e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Por isso mesmo, ambas as instituições foram mais propensas ao “neo-institucionalismo” e à “rational choice”, em especial a partir do final da década de 1980.

As reflexões políticas na América Latina, tanto no que concerne ao pensamento social, quanto a uma sistematização maior do campo intelectual da ciência política (teoria política) transformaram as expressões *cânon e mainstream* em significantes-mestres. Foram muitos os encontros e desencontros entre os que defendiam uma ciência política mais “humanista”, porque vinculada à história das ideias filosóficas (e jurídicas) e os que defendiam uma ciência política mais “behaviorista” acompanhando os modismos imperantes nos EUA. Curioso que a ciência política hegemónica nos EUA logo derivou para métodos quantitativos, enquanto os que acolhiam uma ciência política mais baseada na análise qualitativa fundeu-se numa história filosófica das ideias que não era avessa ao tomismo.

Mas, de facto, ambos os grupos de pesquisadores e professores estavam aliados e entendiam-se quando se tratava de identificar o *cânon e mainstream* como dominante e isolar quaisquer tentativas de inovação pedagógica ou programática de ensino referidas à teoria política. Muitas iniciativas originais e genuínas foram censuradas e criticadas nos anos 1980 e 1990 simplesmente em função de não serem “canónicas” ou então vinculadas ao *mainstream*. Assim, *cânon e mainstream* transformaram-se em senhas para ingresso no universo dominante e de acesso ao reconhecimento no mundo oficial da ciência política (CAPES, CNPq. e outras agências de fomento). Era necessário separar o “trigo do joio”; separar o que era canónico ou pertencente ao *mainstream* daquilo que não era considerado como tal.

Temos registado, sobretudo nas últimas três décadas, que os programas de ciência política se mantiveram, a partir de uma abordagem em termos de história do pensamento filosófico-político, com ênfase em “autores” como Sócrates, Platão, Aristóteles, Maquiavel, Hobbes, Locke, Rousseau, Montesquieu, etc. Esta tendência pode ser observada, também, através das publicações destinadas ao campo intelectual. As colectâneas de “clássicos da política”, por exemplo, em sucessivos empreendimentos editoriais visaram suprir a formação graduada básica em ciências sociais e áreas afins (inclusive no campo intelectual do direito). Vale mencionar as publicações da Editora Ática em São Paulo, que nos brinda com duas grandes colecções: 1) Colecção “Grandes Cientistas Sociais”; e 2) Colecção “Clássicos da Política”. A primeira colecção apresenta para cada autor do repertório escolhido, um organizador que assina um comentário sobre o autor em foco e selecciona trechos do autor editado. É interessante observar a combinação de “grandes cientistas sociais” da cultura ocidental em geral com a selecção de alguns autores brasileiros. A segunda colecção segue a mesma sistemática editorial e foca o repertório “clássico” da história das ideias políticas destacada pela historiografia iluminista europeia. E mais: frequentemente o estudo do pensamento político burguês tem oposto a tradição “autoritarismo *versus* liberalismo”, sem atenção para o facto de que ambos se alternam e complementam na constituição da revolução burguesa. O pensamento político no medievo tem sido desvalorizado e pouca atenção tem sido dada em relação às permanências de longa duração do tomismo (São Tomás de Aquino [Neder 2000]) no pensamento político moderno, como sugere enfaticamente Pierre Legendre [1983]. Talvez fosse interessante fazer o que temos proposto e, em parte, realizado: resgatar o debate entre catolicismo ilustrado e ultramontanismo utilizando como protagonistas as redes conceituais de Michel de Montaigne [Ginzburg 2003] e Blaise Pascal, a partir de Bordeaux, e que se inserem, por séculos, em

significativo debate, mormente nos meios jurídicos acerca do “laxismo” versus “rigorismo” [Cerqueira Filho & Neder 2006].

Concomitantemente com o estabelecimento do regime militar (no Brasil e noutros países latino-americanos), valorizaram-se as interpretações relativas ao liberalismo e, em particular, ao individualismo possessivo, sob influência do prisma de McPherson. Destacaram-se as análises a partir do conceito de modernização conservadora, tal como é usado por Barrington Moore, em *Origens Históricas da Ditadura e da Democracia* [Moore Jr. 1973]. Na esteira destes dois últimos autores, robusteceram-se as interpretações apoiadas na história das ideias políticas.

Muito raramente os cursos de teoria política estavam fundados em conceitos analíticos tais como “Estado”, “poder”, “classe social”, “partido”, “política pública” e outros, embora possamos dizer que esta era uma antiga reivindicação que a Prof. Miriam Limoeiro Cardoso vinha fazendo na PUC/RJ quando, nos anos 1970, dirigira o Departamento de Sociologia e Política, após ter sido demitida compulsoriamente na UFRJ. Todavia, não foi bem sucedida. Em parte, encarada como uma proposta reivindicada pelo pensamento marxista, muitos estudiosos acabavam não a considerando viável — tanto por razões de método quanto por razões ideológicas e de censura política.

Quando a preferência recaía no estudo das ideias de Karl Marx, por este viés acabava-se retomando a história das ideias. Faltava à ciência política um escopo teórico claro, conceitual, bem recortado e com finalidade heurística. Nalgumas circunstâncias ainda havia uma certa identificação com o passado, que vinculava a ciência política aos estudos jurídicos. Tratava-se de uma camisa de forças ainda imperante. O mesmo não acontecia com a ciência política de inspiração norte-americana, por exemplo, com Karl Deutch e Robert Dahl. Aliás, ambos visitaram o Rio de Janeiro na segunda metade do século XX, a convite do Prof. Cândido Mendes de Almeida, e deram conferências do salão nobre da Faculdade de Ciências Políticas e Económicas do Rio de Janeiro. Um tal enfoque apontava para estudos empíricos e de natureza estatística; todos, porém ainda muito incipientes. Mas o Prof. Cândido Mendes não se descurdava e convidava também para falar o pensador tomista Jean-Maire Domenach, editor da Revista *L'Esprit*, para uma multidão de interessados. E no início dos anos 1970, o Instituto de Direito Público e Ciência Política da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, então dirigido pelo Ministro Themístocles Cavalcanti, foi pioneiro na introdução da análise quantitativa em ciências sociais [Souza 1972], perspectiva logo abraçada pelo IUPERJ. Entretanto, por toda a América Latina, a utilização da informática abriu um campo enorme de possibilidades efectivas para estudos e análises de natureza política com base em estudos quantitativos (indicadores políticos).

Mais difícil é dizer se o quanto o debate constante e recorrente entre uma teoria política mal desenhada e uma história das ideias políticas que se faz passar por “teoria política” que, evidentemente, atravessou a censura dos chamados “anos de chumbo”, esteve relacionada às duas formidáveis crises: uma vivida pelo Departamento de Sociologia e Política da PUC/RJ (e o seu Programa de Pós-graduação em Pensamento Social e Político Brasileiro), na última década do século XX, e outra pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro — IUPERJ (com a criação subsequente do IESP-UERJ), na primeira década do século XXI.

IV

Nesta parte e com vista a um programa analítico de ciência política (teoria política clássica) ministrado em 2002.1, pretendemos discutir brevemente uma ementa que consideramos inovadora¹. Tendo em vista a relação entre economia e política na actualidade, era dada ênfase ao pensamento político burguês em França (séc. XVII), onde a tese de que a existência de um “mercado perfeito” supunha a existência de um “tirano perfeito”. Eram buscadas convergências entre as ideias de São Tomás de Aquino (tomismo) e as concepções burguesas do tipo “modelo de príncipe” (tirano perfeito).

O curso visava, a partir do pensamento político considerado clássico, uma abordagem interdisciplinar da relação teoria e prática política, desenvolvida nos seguintes tópicos:

- 1) A “política como arte” *versus* a “política como missão”: maquiavelismo e tomismo.
- 2) Evocação da emoção e da tragédia na política: Sófocles (Oedipus).
- 3) A matriz da teoria política burguesa: Hobbes e Locke. Rousseau e o exílio da sociedade humana. Absolutismo e liberalismo. O liberalismo radical (Victor Hugo): um exílio glorioso.
- 4) “Mercado perfeito” e “tirano perfeito”: concepções burguesas de “modelo de príncipe”.
- 5) A crítica revolucionária em Marx e o pessimismo em Max Weber.
- 6) A política como gozo (*jouissance*): sintoma e *sinthomen* em Freud e Lacan.
- 7) Literatura e política: o imaginário em acção.

Iniciar um curso com a proposta *maquiavélica* para a ciência política significa introduzir a problemática do exercício do poder como arte (“política como arte”) contra a “política como missão”. No mote missionário (“política como missão”), introduz-se já o pensamento agostiniano (Santo Agostinho) e a ideia de predestinação. O diálogo de São Tomás com Santo Agostinho é inevitável, pois São Tomás valoriza menos a predestinação e introduz a temática do livre-arbítrio como predominante. Todavia, pensar a “política como arte” permite-nos evocar a tragédia grega, com Sócrates, por exemplo, mas também com outros autores da Antiguidade (Ésquilo, Eurípedes), chamando-se à atenção para a relação estética & política, para além da ética & política. Tal abordagem propicia uma discussão muito actual acerca das ambivalências e contradições entre o pensar, o sentir e o agir [Cerqueira Filho 1980]. A inovação metodológica no caso concreto é: a) o tratamento dado aos sentimentos, sobretudo às formações inconscientes presentes no discurso político; e b) a hipótese de que “o afecto é político”.

Pode-se falar em inovação metodológica e não apenas em novos objectos teóricos, embora isto também ocorra. No que se refere à matriz teórica do pensamento político burguês, se o ponto de partida é a senha “Hobbes como contraface de Locke” vis-à-vis os interesses da burguesia que está a nascer, o acento analítico vai para os conceitos de “modelo de príncipe” e “mercado perfeito”. Ao contrário do que se supõe, o princípio tomista inclui menos a questão da liberdade e mais as questões relacionadas com a “perfectibilidade” e “idealização”. Ao “príncipe perfeito” e “mercado perfeito” correspondem a “família perfeita”, a “perfeita casada”, o “código completo”, etc. [Borrmann 2009a]. Se por um lado, os

•

1 A lista bibliográfica e o programa sumário são apresentados a seguir a este quarto item [nota do editor].

conceitos-chave para uma ciência política moderna têm enfatizado as categorias tomistas; por outro convém ressaltar a tópica do liberalismo radical, a ser mapeado nos seus constructos mais relevantes (por exemplo, a partir dos temas: a) o exílio da sociedade humana em Rousseau; 2) a relação entre sentir e pensar em Montaigne; c) o exílio glorioso de Victor Hugo e o liberalismo radical).

Escovar a história a contrapelo, como propõe Walter Benjamin da Escola de Frankfurt, buscando a radicalização dos interesses da burguesia expostos no conceito de revolução a partir de 1789, implica também compreender analiticamente a pauta da classe operária em particular e das classes populares em geral, no que concerne aos conflitos e divergências entre Capital e Trabalho.

Finalmente a terceira Revolução Industrial aponta para a inclusão crescente do imaginário na política. Mas convém estarmos atentos para a permanência de “formações inconscientes” de longa duração no discurso político, com as implicações correntes no sofrimento psíquico, hoje tão discutido pela psicopatologia fundamental².

Proposta de bibliografia para inovação teórica no curso de Teoria Política (2002.1) na Universidade Federal Fluminense (UFF)³

Antonio QUINET. “O espelho e o quadro”, ver “O imaginário: narciso e o espelho”, in “Imagem Rainha” (parte I), EBP, Rio de Janeiro: Sete Letras, 1995

Bernard SCHLINK, *O Leitor*, Rio de Janeiro: Rocco, 2000

Carl SCHORSKE, *Viena fin-de siècle: política e cultura*, S.Paulo: Cia. Das Letras, 1989

Contardo CALLIGARIS, *Hello Brasil!*, São Paulo: Escuta, 1991

Eric SANTNER, *A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade (um estudo sobre a paranóia à luz de Freud, Kafka, Foucault, Canetti e Benjamin)*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997

Eduardo RINESI. *Política y Tragédia. Hamlet ente Maquiavel e Hobbes*, Buenos Ayres: Colihue, 2011

Ernesto SÁBATO, *O Túnel* (romance), Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1981

FREUD, *A interpretação dos sonhos, O inconsciente, Cinco lições de Psicanálise*, in *Obra Completa*, Standard Edition, Rio de Janeiro: Imago

Frederic JAMESON, *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo: Ática, 1996

Gisálio CERQUEIRA, *A questão social no Brasil: crítica do discurso político*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980

Gisálio CERQUEIRA, *A ideologia do favor e a ignorância simbólica da lei*, Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1993

Gisálio CERQUEIRA, “I love you”, mimeo., Niterói: LCP/ UFF, 1999

Gisálio CERQUEIRA, “*Lo propio y lo ajeno 500 años después: el Oriente perdido*”, (21, 1989.2), Instituto Ibero-americano da Universidade de Sofia, Tokio, Japão

2 Veja-se o site da Associação Universitária de Pesquisa em Psicologia Fundamental, dirigida pelo Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck: www.fundamentalpsychopathology.org.

3 Quando não há referência à editora, cidade ou data, deve-se buscar a obra na Coleção “Os Pensadores”, da Abril Cultural.

- Gisálio CERQUEIRA, *Édipo, "Sujeito-Rei e self-service normativo"*, Lisboa: 1999
- Gisálio CERQUEIRA, "Freud, a cultura e a política", *Revista Pulsional de Psicanálise*, São Paulo: Escuta, 2002
- Gisálio CERQUEIRA e Gizlene NEDER, "Emotion in motion", *Universidad Antigua de Oñati*, Espanha, 1996. Em português está publicado com o título *Emoção e Política*, Porto Alegre: Forense Universitária, 1997
- Gisálio CERQUEIRA e Gizlene NEDER, "Law, Family and Policies for Street Children in Brazil", *International Journal of Law and the Family*, vol. 12, (1998), London: Oxford University Press
- Gisálio CERQUEIRA e Gizlene NEDER, "Os filhos da Lei", *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (RBCS/ANPOCS), vol. 16, nº 45, São Paulo, Fevereiro 2001
- Gisálio CERQUEIRA e Gizlene NEDER, *Iluminismo jurídico e circulação de idéias e livros*, Discursos Sediciosos, ano 5, nº 9-10, Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2000
- Gizlene NEDER, "O pátrio poder e a reforma das leis civis no Brasil", Niterói: LCP-Textos para Discussão, nº 3, Junho de 1999
- Gizlene NEDER, *Iluminismo jurídico-penal luso-brasileiro. Obediência e submissão*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2000
- Guilhermina GARMENDIA e Nelly SCHNAITH, *Thomas Hobbes y las orígenes del Estado burgués*, Buenos Aires: Siglo XXI, 1973
- HOBBS, *O Leviatã*, Parte II "Do Estado" (caps. XVII/XXXI) e Parte III "Do Estado Cristão" (caps. XXXII/ XLIV)
- Karl MARX, *O 18 Brumário*. várias edições
- LACAN, *Lacan, você conhece* (palestras proferidas no encontro *Jacques Lacan* realizado em Paris), São Paulo: Cultura Editores Associados, 1998
- LOCKE, *Carta acerca da tolerância, Segundo Tratado sobre o Governo, El Derecho a la rebelión*, Buenos Ayres: Ediciones La Bastilla
- Manuel Vázquez MONTALBÁN, *Ou César ou nada* (romance), Lisboa: Difel, 1999
- Marc BLOCH, *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, 1949, nova edição preparada por Étienne Bloch, 1993, Paris. Há um outro texto inédito e recentemente encontrado em Moscou, in *Les Cahiers Marc Bloch*, Étienne Bloch (org.), Paris, onde o autor trabalha o conceito de "démontage" aplicada a uma estrutura social
- Marc SAUTET, *Um café para Sócrates*, Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998
- Marcel MAUSS, *Une catégorie de l'esprit humaine: la notion de personne, celle de moi, Sociologie e Anthropologie*, Paris: 1983. Aborda a distinção entre "sentido do eu" e "conceito de indivíduo"
- MAQUIAVEL, *O Príncipe*, várias edições.
- Maria José de QUEIROZ, *Os males da ausência*, Rio de Janeiro: Topbooks, 1998
- Max WEBER, *A política como vocação, A ciência como vocação*, várias edições
- Miguel Vale de ALMEIDA, "Timor-Leste e a catarse pós-colonial portuguesa", *Estudos CEBRAP*, nº 55, São Paulo, Novembro 1999
- Norbert ELIAS, Sobre "a sociedade no homem" ver *La Sociétés des Individus*, Paris, 1993

- Norbert ELIAS, *Os alemães*, Rio de Janeiro: Zahar, 1997
- Norbert ELIAS, *A busca da excitação*, Lisboa: Difel, 1985
- Peter GAY, *Lendo Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1992
- Peter GAY, *O coração desvelado*, S. Paulo: Cia. das Letras, 1999
- Peter GAY, *Freud para historiadores*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989
- Pierre BOURDIEU, "Fieldword in Philosophy", in *Choses dites*, Paris, 1987. O texto versa a "oposição entre indivíduo e sociedade".
- Pierre BOURDIEU, *A dominação masculina*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- Pierre LEGENDRE, *O amor do censor. Ensaio sobre a ordem dogmática*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983
- Pierre LEGENDRE, *El crimen del cabo Lortie: tratado sobre ele padre*, Madrid: Siglo XXI, 1994
- Pierre LEGENDRE, "Pouvoir Généalogique de l'État", in *Autorité, responsabilité parentale et protection de l'enfant*, Collection Synthèse, Chronicle Social, Lyon, 1992
- Richard MORSE, *O espelho do próspero*, São Paulo: Cia. das Letras, 1988
- Robert DARTON, *O grande massacre dos gatos*, especialmente "Os leitores respondem a Rousseau" (págs. 277/329), Rio de Janeiro: Graal, 1986
- ROUSSEAU, *O Contrato Social, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, Emílio ou Da Educação*, Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil
- Sergio BUARQUE DE HOLANDA, *Escritos coligidos*, organização de Marcos Costa. São Paulo: Editora UNESP, Volumes I e II, 2011
- Slavoj ZIZEK, *Hegel com Lacan*, Editora Zahar
- Slavoj ZIZEK, *Eles não sabem o que fazem. Análise do sintoma ideológico*, Editora Zahar
- SÓFOCLES, *Édipo-Rei*, várias edições
- Stuart MILL, *Sobre a liberdade*, várias edições
- Victor HUGO, *Os miseráveis*, (romance), várias edições

Eixo dos seminários temáticos

- 1 - Como articular Teoria Política Clássica e intervenção política na actualidade.
- 2 - Édipo, Sujeito-Rei e *self-service* normativo
- 3 - *Emotion in motion*: emoção e política – formações inconscientes no discurso e na prática política. (Gisálio Cerqueira & Gizlene Neder)
- 4 - A tradição da teoria política diante do pós-modernismo (F. Jameson) – 2 sessões
- 5 - Cultura e política: tomismo e iberismo (Richard Morse)

- 6 - Inconsciente e política (Contardo Calligaris)
- 7 - Excitação e política (Norbert Elias)
- 8 - A tríade lacaniana RSI e a política (Antonio Quinet)
- 9 - Paranóia e política: uma forma de resistência ao autoritarismo (Schreber) – 2 sessões
- 10 - Secularização e realismo na política: concepções burguesas de “modelo de príncipe”
- 11 - “Poder, família e controlo social”, Projecto Integrado de Pesquisa - CNPq. (Prémio da Fundação Luso-Brasileira para o desenvolvimento do mundo de língua portuguesa)
- 12 - Psicodrama da reconfiguração identitária pós-colonial: Timor Loro Sae em Lisboa

Referências bibliográficas

- BORGES, Luis
2009: *Ensaio autobiográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11.
- BORRMANN, Ricardo Gaulia
2009a: “Os Fundamentos religiosos do ideal de mercado perfeito em Adam Smith”, *Passagens – Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* (on line), vol. 2, nº 3, Janeiro-Abril de 2010, <http://www.historia.uff.br/revistapassagens/>
- 2009b: *Tal Mercado, Tal príncipe: o paradigma de perfeição na economia política burguesa*, Universidade Federal Fluminense
- BUARQUE DE HOLANDA, Sergio
2011: *Escritos coligidos*, organização de Marcos Costa, São Paulo: Editora UNESP, Volumes I e II
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio
1980: *A questão social no Brasil: crítica do discurso político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
2009: “Sergio (modernista) Buarque de Holanda”, in *Viagem a Napóles*, in Colóquio Internacional sobre o Método Clínico realizado na Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF), Setembro de 2009, Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), São Paulo, http://www.fundamentalpsychopathology.org/material/coloquio_metodo_clinico/MR/MR13.2.pdf
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio & Gizlene NEDER
2006: “Idéias Jurídicas e Pensamento Político no Brasil entre dois catolicismos: ultramontanismo versus catolicismo ilustrado”, in *Anais do II Encontro Anual do Instituto Brasileiro de História do Direito*, Niterói, Agosto
- DUMONT, Louis
2000: *Homo Aequalis, gênese e plenitude da ideologia econômica*, Bauru/SP: EDUSC
- GINZBURG, Carlo
2002: “As vozes do Outro. Uma revolta indígena nas Ilhas Marianas”, in *Relações de Força*. São Paulo: Companhia das Letras (cap. 3)
- GRACIÁN, Baltazar
1996: *A arte da prudência*, Martins Fontes, 1996⁴

•

4 Há outra tradução em português intitulada *A arte mundana - um oráculo de bolso*, Ed. Best Seller, traduzida da versão inglesa *The art of wisdom*. A tradução para o francês foi realizada por Amelot de la Houssaie, sob o título *L'Homme de cour, Champ Libre*. Para o alemão, foi traduzido por Arthur Schopenhauer. Num comentário de 1873, Nietzsche chega a dizer que “a Europa nunca produziu nada mais refinado ou complicado em questões de sutileza moral”. (in *Carta a Peter Gast*, 1884). Ver ainda Gisálio Cerqueira Filho. *Édipo e Excesso: reflexões sobre lei e política*. Porto Alegre: Sergio Fabris Editor, 2002, pp. 77-87.

- LACAN, Jacques
2003: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Zahar
- LEGENDRE, Pierre
1983: *Pierre. O amor do censor. Ensaio sobre a ordem dogmática*, Rio de Janeiro: Forense Universitária
- MARRAMAIO, Giacomo
1983: *Poder e secularização. As categorias do tempo*, São Paulo: Ed. UNESP
- MEREA, Paulo
1941: *Suárez, Grócio e Hobbes*. Coimbra: Armênio Amado⁵
2004: *Obra Completa*. Prefácio de Mário Júlio de Almeida Costa; nota introdutória de José Manuel Merêa Pizarro Beleza, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, pp. 107-185; 351-365; 367-383
- MONTEIRO, Pedro Meira
2011: "O mestre e o exílio do pai da semana", *O Estado de São Paulo*, 23/4/2011
- MOORE Jr., Barrington
1973: *Las orígenes sociales de la dictadura y de la democracia*, Barcelona: Ed. Península
- MORSE, Richard
1988: *O Espelho do Próspero*, São Paulo: Companhia das Letras
- NEDER, Gizlene.
2000: *Iluminismo Jurídico-penal Luso-brasileiro. Obediência e submissão*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos & Instituto Carioca de Criminologia
- NEDER, Gizlene & Gisálio CERQUEIRA FILHO
2004: "A teoria política no Brasil e o Brasil na teoria política", *IV Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política*, Rio de Janeiro, Julho
2010: *Duas Margens: idéias jurídicas e sentimentos políticos entre Brasil e Portugal na passagem à modernidade*. Pós-doc. realizado na Biblioteca Nacional de Lisboa e Fundação Gulbenkian, Lisboa
2010: "Jogo de Espelhos e gramática de Sentimentos na América Latina" in *Comunicação e Política*, vol. 28, nº 1, Maio, pp. 103-114
- SOUZA, Amaury
1972: *Teoria y metodo de la investigación social*, Buenos Ayres: Edela, 1963
- WILLIANSO, Edwin
2011: *Borges: uma vida*, São Paulo: Companhia das Letras

Recebido a: 14/Novembro/2011

Enviado para avaliação: 5/Março/2012

Recepção da apreciação: 12 e 30/Abril/2012

Aceite para publicação: 1/Maio/2012

Title

"Political Theory and Social Thought in Latin America"

•

5 A obra completa de Paulo Merêa está sendo editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em Lisboa, sob supervisão do neto José Manuel Merêa Pizarro Beleza.

Abstract

This issue focuses methodology and academic teaching of Political Science and Social Thought in Latin America, during the last three decades. The intellectual takes account through the opposition between analytical approach against the traditional approach from History of Political and Philosophical ideas. However, this relation must not avoid the empowerment of the analytical point of view to focus power relations concerning historical concepts. The issue carries on the hypothesis that there is a current scholastic presence in Political Science of Latin America.

Key-words

Political theory, scholastic, history of ideas, social criticism.